

# Telegrama descolonizante: a mitofagia em Manuel Resende

**MARCUS BACAMARTE**

«Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem nenhuma coisa de metal nem de ferro; nem lho vimos. Porém...»

**PERO VAZ DE CAMINHA, na Carta a El Rey Dom Manuel**

«Por isso, neste livro, que quer oferecer uma história da pilhagem e ao mesmo tempo contar como funcionam os mecanismos atuais de espoliação, aparecem os conquistadores nas caravelas e, próximo, os tecnocratas nos jatos; Hernán Cortés e os fuzileiros navais; os corregedores do reino e as missões do Fundo Monetário Internacional; os dividendos dos traficantes de escravos e os lucros da General Motors».

**EDUARDO GALEANO. As veias abertas da América Latina**

A história da América Latina se confunde com a história da acumulação de capitais na Europa colonialista e, posteriormente, com a da fundação e manutenção, hoje em dia, do poder norte-americano no mundo. Se mudam os protagonistas, o processo continua o mesmo. Nesse caminho, ajuntaram-se à América Latina, na condição de perdedores, alguns países que, da posição de poder e esplendor,

passaram à de países periféricos. É o caso de Portugal. Do fulgor dos descobrimentos passou a intermediário do ouro carreado para Inglaterra e Holanda e, hoje, possui basicamente a mesma estrutura econômica dependente que sempre caracterizou os países latino-americanos: «Nossa derrota esteve sempre implícita na vitória alheia, nossa riqueza gerou sempre a nossa pobreza para alimentar a prosperidade dos outros: os impérios e seus agentes nativos. Na alquimia colonial e neo-colonial o ouro se transforma em sucata e os alimentos se convertem em veneno».<sup>1</sup>

Curiosa a situação de um país que, como Portugal, já esteve do lado da vitória e da derrota. Duas são as alternativas que se lhe apresentam: ou busca no passado a compensação de um poder perdido, e hodiernamente se cala, ou assume a sua condição de perdedor, com o olhar voltado para a nova situação que a história lhe apresenta. Calar-se seria fazer o jogo imperialista, onde o silêncio reduz o conquistado ao papel de mera cópia, como bem assinala Silviano Santiago, para quem a geografia do conquistado deve ser uma «geografia de assimilação e de agressividade, de aprendizagem e de reação, de falsa obediência. A passividade reduziria seu papel efetivo ao desaparecimento por analogia. Guardando seu lugar na segunda fila, é no entanto preciso que assinale sua diferença, marque sua presença, uma presença muitas vezes de vanguarda. O silêncio seria a resposta desejada pelo imperialismo cultural, ou ainda o eco sonoro que apenas serve para apertar mais os laços do poder conquistador».<sup>2</sup>

Essa parece ser a posição, enquanto escritor, tomada pelo contemporâneo português Manuel Resende, como a queremos ver no seu poema intitulado *Telegrama para D. João V*, onde a voz poética se soma, pelos mecanismos da ironia, à de todas as culturas colonizadas de hoje, como de ontem e de amanhã.

#### TELEGRAMA PARA D. JOÃO V

Eis, real senhor, América;  
Refúgio e amparo dos desesperados de europa,  
Igreja dos inconfessos, santo e senha dos homicidas,  
Capa e coberta dos jogadores,  
Azáfama geral das mulheres livres,

Engano universal de todos e remédio particular de alguns;  
Aqui maramos onde amarámos  
Com âncoras, amarras e ânsias  
Doutras enseadas, excelente rei;  
Aqui maramos onde amáramos,  
Aqui somos: bandeirantes, bandoleiros,  
Moradores, mestiços, missionários;  
Com a língua, os olhos, o medo, amargos,  
Soletramos a selva, a seiva, a cachaça,  
Os gritos dos animais, os seus tactos,  
A anaconda, a onça, a boa, a barracuda, a tarântula  
Aqui soletramos Maranhão, Minas, Manaus,  
Aqui mergulhamos o mar no ânus,  
Aqui mergulhamos em vorazes rios de piranhas, mosquitos  
e suor;  
Excelente rei, esta é América;  
Aqui maramos onde filtramos  
Um pouco de metal, uma niagara de sangue, cemitérios  
de Ameríndios  
Pobres escravos reduzidos;  
Aqui onde maramos, praticamos o irremediável ofício  
de Caronte  
Somos apenas aqui seus fuzis pragmáticos, remos de  
suas barcas,  
Aqui maramos onde exercemos todo o duro, brutal e curto  
Ofício da imperiosa Europa;  
Aqui picamos as baronatas dos impérios, excelente rei.  
Aqui somos apenas vossos criados, ó hipocondríacos  
imperadores,  
No entanto aqui lavramos o vosso testamento de ferro  
e sangue:  
Por essa geografia de tronos passará um trovão de Atila,  
Florescerá na Europa uma fauna de guilhotinas.  
Palcos de catafalcos, todo o espetáculo do poder destituído  
E, depois, Napoleão varrerá as vossas guerras de  
Hollywood,  
A urina pestilenta da casta militar

(Gigantescas bastilhas nos arquivos,  
Cigarros americanos no Século XX)  
Voltareis, talvez, mais já não sereis vós  
E tu, real senhor,  
Os teus descendentes comerão os ratos dos esgotos,  
Excelente rei;  
Não construiste as pirâmides;  
Não cozinhaste a comida das legiões de César  
Não varreste os corredores dos partidos;  
Não escreveste Espinosa;  
Não pensaste Aristóteles nem sequer Maquiavel  
Não foste três vezes santo, três mil vezes sábio;  
Foste apenas o senhor destes criados burlões, egoístas,  
ladros; gangsters sequiosos.<sup>3</sup>

A partir do título, o poema já se configura como uma paródia, aqui entendida no sentido de uma «atualização crítica» do texto parodiado, onde a ironia é o principal instrumento dessa atualização. A estrutura das crônicas do descobrimento é evocada no **Telegrama**, releitura vazada de modernidade onde o mecanismo de relevo é a «distância crítica» de que nos fala Linda Hutcheon.<sup>4</sup> Através desse processo, dois momentos históricos serão colocados um em frente ao outro, ficando o leitor com o papel de completar a «diferenciação» entre eles, numa releitura desse seu mesmo papel diante dos referidos momentos históricos: «Les postulats theologiques et culturels des deux époques sont ironiquement mis en parallèle par le lecteur, par le truchement d'une parodie littéraire formelle».<sup>5</sup>

A figura de D. João V, a quem se dirige o **Telegrama**, é tomada como arquétipo e, mais que isso, como estereótipo do poder. Seu reinado foi o do fausto superficial que não escondeu o patético da sua figura de monarca dependente, império intermediário que exibiu as migalhas do que lhe deixou o verdadeiro patrão, a Inglaterra. «Portugal não pôde resgatar outra força criadora que não fosse a revolução estética. O convento de Mafra, orgulho de D. João V, levantou Portugal da decadência artística: em seus carrilhões de 27 sinos, seus vasos e seus candelabros de ouro maciço, cintila ainda o ouro de Minas Gerais».<sup>6</sup>

A América é apresentada ao «real senhor» na sua verdadeira dimensão, escondida pela história oficial: «Igreja dos inconfessos (...) Engano universal de todos e remédio particular de alguns». América com K, *Amérika*, que nos remete para a situação de hoje, onde o direito de serem chamados americanos foi reservado aos nativos dos EUA, os «alguns», que têm seu «remédio particular» na imposição da voz «americana» sobre a América de segunda classe, latina, por isso grafada com C. Paradoxalmente, é dessa «Azáfama Geral», desse afã de jogo e burla que pode sair o caráter de resistência do colonizado. Esta mistura de «bandeirantes, bandoleiros», «moradores» e «missionários» é que dará à América o seu estatuto mestiço, negação da unidade de língua e poder que lhe é imposta de fora para dentro. Desse paradoxo se alimenta a resistência anti-colonialista. América mitófaga: que deglute o discurso (do grego *mithos*) e os mitos do colonizador, numa reelaboração cultural fundamental para sua sobrevivência, que foge à imposição de unidade ditada pela força externa. Silviano Santiago aponta que «o renascimento colonialista engendra por sua vez uma nova sociedade, a dos mestiços, cuja principal característica é o fato de que a noção de unidade sofre uma reviravolta, é contaminada em favor de uma mistura sutil e complexa entre o elemento europeu e o elemento autóctone — uma espécie de infiltração progressiva efetuada pelo pensamento selvagem, ou seja, abertura do único caminho possível que poderia levar à descolonização».<sup>7</sup>

Esse paradoxo da colonização fica patente na ironia do poeta. De um lado a voz impositiva: «Aqui maramos (...) Com âncoras, amarras e ânsias/Doutras enseadas, excelente rei» (Marar é uma gíria portuguesa que significa matar, esfaquear).<sup>8</sup> De outro lado a voz que é contaminada por palavras novas, o discurso que aprende a «soletrar» uma nova realidade. «Com a língua (...) Soletramos a selva, seiva, a cachaça (...) A anaconda, a onça, a boa, a barracuda, a tarântula/Aqui soletramos Maranhão, Minas Manaus». A enumeração do poema revela no enunciado a voz descolonizadora que se insinua na enunciação. A «Amérika» revelada não é a do paraíso inocente, e sim a da boca das «piranhas», que engolem tudo o que vêm mas têm dentes para triturar o que lhes vem pela goela abaixo. «O código lingüístico, como o religioso, perdeu o seu estatuto de pureza e pouco a pouco se

deixou enriquecer por novas aquisições, por miúdas metamorfoses, por estranhas corrupções, que transformam a integridade do Livro Santo e do Dicionário e da Gramática europeus».<sup>9</sup>

O jogo histórico do poema se constrói na justaposição de realidades diferentes, através das palavras, numa estratégia irônica que produz o sentido crítico da paródia. Assim é que, no verso «Aqui maramos onde filtramos/ Um pouco de metal, um niagara de sangue, cemitérios/ de Ameríndios», a expressão «niagara de sangue» remete ao poder imperialista de hoje (Niagara é o nome das grandes cataratas americanas), justaposto à realidade colonial, onde Portugal ficou, como já vimos, com apenas «um pouco de metal», deixando «cemitérios» para traz. Nessa construção intertextual a expressão «Ameríndios» tem valor duplo: tanto se refere aos índios mortos pelos descobridores no seu processo de colonização, como aos índios dos Estados Unidos, dizimados pelos próprios americanos (lembremo-nos de que Niagara é uma palavra de origem indígena).

No mesmo duplo contexto (intertexto) de ironia crítica, se coloca a expressão «fuzis pragmáticos», aliada aos remos da barca de Caronte, barqueiro do Estige, o rio do Hades na mitologia grega. O ofício de Caronte era atravessar os mortos e, para tal, exigia que se lhe pagassem determinada quantia. É o comerciante da morte, por excelência. São os «fuzis pragmáticos» que, hoje em dia, garantem esse ofício de morte e saque: «Aqui maramos onde exercemos todo o duro, brutal e curto/Ofício da imperiosa Europa».

É interessante notar que a voz portuguesa do poema, pelo seu duplo estatuto de colonizadora e colonizada, se localiza exatamente sobre o espaço sutil que separa a necessária consciência descolonizadora de hoje da inconsciência imperialista assimilada através dos séculos, e que precisa ser desfeita. O poeta denuncia que a pior situação é a do colonizado que ainda se julga colonizador; que já perdeu seu poder mas ainda não sabe descobrir as armas da descolonização, coisa que, por incrível que pareça, é mais fácil para a América, que sempre foi colonizada. Por isso, no poema, o discurso que tenta se insinuar é o latino-americano e não o português. É Portugal que hoje precisa aprender com a América, que ele colonizou, o caminho da descolonização.

Essa situação de vertiginosa decadência é amargamente colocada no verso «Os teus descendentes comerão os ratos dos esgotos/ Excelente rei;». Essa amargura nasce da constatação de que, apesar do estatuto imperialista, na própria América é que Portugal se enterrou: «No entanto aqui lavramos o vosso testamento de ferro/e sangue». Em vez de uma «geografia de assimilação e agressividade»<sup>10</sup> que consegue deglutir a voz do poder, a «geografia de tronos», pela sua imobilidade de falso poder, será varrida por Napoleão, o mito que os «tronos» não conseguem engolir, a «urina pestilenta da casta militar», que vira Hoollywood (o cigarro e o cinema, o mito na tela e a sedução do consumo, a guerra de herói e os fuzis reais, «pragmáticos», que impõem à bala a voz que não se impôs por meio da sedução).

É o aprendizado da sub-versão, da resistência significativa que Manuel Resende busca aprender da América Latina e ensinar para a mesma América Latina, como para Portugal e todos os colonizados. É a busca da palavra consciente, da «tradução do significante» na busca de um novo significado; no abandono deliberado da leitura inocente e na «aceitação da escritura como um dever lúcido»,<sup>11</sup> nessa luta contra os «gangsters sequiosos».

Na desmitificação da América Latina paradisíaca e do falso poder português, o poema de Manuel Resende se inscreve, legitimamente, ao lado da literatura antropófaga, mitófaga e descolonizante; se inscreve num espaço onde a boca tem dentes e o silêncio é apenas o momento de produção de uma nova linguagem, que infiltra e transforma o buraco que a quer engolir.

## NOTAS

1. GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, 18a. ed., p. 14.
2. SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma Literatura nos Trópicos*. São Paulo, Perspectiva, 1978, p. 18-19.
3. RESENDE, Manuel. *Natureza Morta com Desodorizante*. Lisboa, Gota de Água e Imprensa Nacional. — Casa da Moeda, 1983, p. 21-22.

4. HUTCHEON, Linda: Ironie et Parodie; stratégie et structure. In: *Poétique*. Paris, 36: Nov. 1978. p. 468. (Não é do âmbito deste trabalho uma discussão já exaustivamente feita sobre os conceitos de Paródia, Ironia, bem como sua relação com a Sátira. Para tal, além do texto citado, cf. MENDES, Nancy Maria. A quebra da «seriedade» em Literatura. In: *Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, Ano IV, 10: Dez. 1983. p. 147-158.
5. HUTCHEON, Linda. Op. cit. p. 468.
6. GALEANO, Eduardo. Op. cit. p. 68.
7. SANTIAGO, Silviano. Op. cit. p. 17.
8. Cf. FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa, Bertrand — Rio de Janeiro, Mérito, 14a. ed.
9. SANTIAGO, Silviano. Op. cit. p. 18.
10. ————. Op. cit. p. 18.
11. ————. Op. cit. p. 24 e 26.